

# MINDINHO MAIOR DE TODOS

Texto de Juliana Valverde

Ilustrações de Feres Khoury

**MATERIAL DIGITAL DE APOIO AO PROFESSOR**



**CATEGORIA 5** (4º e 5º ano do Ensino Fundamental):  
para crianças de 6 a 8 anos.

**TEMAS:** Autoconhecimento, sentimentos e emoções/  
Família, amigos e escola/ O mundo natural e social/ En-  
contros com a diferença/ Diversão e aventura.

**GÊNERO:** Poema.

## Um convite à leitura

O livro **Mindinho maior de todos**, com poemas de Juliana Valverde e ilustrações de Feres Houry, traz textos e imagens que falam de elementos comumente presentes no universo infantil – a casa, o medo, a mãe, a avó, o irmão mais novo, o amigo, fadas, bruxas, mundos e seres imaginários etc.

A relação entre texto e imagem enriquece o livro, tornando-o um objeto artístico cheio de sentidos e semioses, objeto esse que convida o leitor a desvendar diversos olhares, a compartilhar diferentes sentimentos e a pensar a respeito de importantes questões e emoções humanas, como: a construção da identidade; a relação com os sentimentos de solidão, amor, ciúme, saudade; a interação com o outro e com o meio; o questionamento sobre si e sobre o mundo; a origem e o mistério da vida; a diferença, a diversidade e o respeito; a necessidade de imaginar, criar e se expressar etc.

Adentrando no universo do livro, os leitores, sobretudo os aqui considerados (alunos do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental), são sensibilizados a conviver com um todo poético que os aproxima de temas essenciais para sua formação integral, como: **autoconhecimento, sentimentos e emoções; família, amigos e escola; o mundo natural e social; encontros com a diferença; diversão e aventura.**

## Sobre a autora

A autora Juliana Valverde nasceu em 1980, na cidade de Salvador, no estado da Bahia. Migrou para a capital de São Paulo com a família aos sete anos de idade, onde vive até hoje. Juliana costuma dizer que carrega consigo a bagagem de todas as suas memórias avoengas (negras, portuguesas, indígenas, espanholas, brasileiras, baianas), lembranças que traduzem a miscigenação do povo brasileiro e que de certa forma reafirmam sua identidade e sua subjetividade como indivíduo que é fruto dessa mestiçagem. A autora reconhece que a multiplicidade dessa memória acaba se refletindo na forma como ela se relacionar com o mundo e na maneira como ela se expressa, estando, conseqüentemente, marcada no sotaque de sua escrita.

Juliana graduou-se em Letras (2005), pela PUC-SP, e em Canto Popular (2009), pela antiga ULM-SP, e especializando-se em Literatura, pelo ISE-Vera Cruz (2013). Por seu gosto e formação musical, acredita levar para o que escreve, sobretudo quando sua fatura é o poema, a cadência rítmica e melódica que tornam seus textos musicais; muitos deles com tanta aproximação e vontade de ser música que chegam a virar canção, metamorfose gerida por ela mesma ou por músicos parceiros.

Em 2017, a autora lançou seu primeiro livro de poemas para o público infantil, o **Mindinho maior de todos**, pela editora ÔZé, obra que recebeu o selo Seleção Cátedra Unesco de Literatura PUC-Rio 2017. Teve o projeto de

poesia adulta **Entre dois ou mais espaços brancos** premiado com a bolsa de criação literária do ProAC-SP-2013 e selecionado para publicação pelo III Concurso Lamparina Publica-2016.

Atualmente, Juliana se dedica à escrita, à composição e ao canto, desenvolvendo trabalhos para o público infantil e adulto.

## **Sobre o Ilustrador**

Feres Lourenço Khoury é artista plástico, professor e arquiteto. Formou-se em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP, em 1979. Defendeu doutorado em poéticas visuais na Escola de Comunicações e Artes da USP – ECA/USP, em 1997, estudo que lhe rendeu um olhar atento para as multissemitoses e as expressões artísticas no tempo não funcional da poesia.

Lecionou na FAU/USP, na Faculdade Santa Marcelina e na Universidade São Judas Tadeu, entre outras. Em seu período de formação artística, frequentou ateliês de diferentes artistas, como Luís Dotto, Renina Katz, Sérgio Fingermann e Rubens Matuck, experiência essa que contribuiu para o amadurecimento de sua poética e para o conhecimento de diferentes técnicas artísticas, as quais explora até hoje.

Em 1979, fundou, com Matuck, Luise Weiss e Rose-ly Nakagawa, a editora João Pereira, por meio da qual

lançou livros de pequena tiragem que visavam a valorizar a gravura original. Em 1974, expôs na Trienal Latino-Americana de Grabado, realizada em Buenos Aires. A partir de então, intensificou a exibição de seus trabalhos, participando de mostras individuais e coletivas. Recebeu o 1º prêmio da 8ª Mostra de Gravura da Cidade de Curitiba, em 1988, e foi contemplado com a Bolsa Vitae de Arte/Gravura, em 1996.

Atualmente, Feres é professor de Arquitetura e desenvolve seu trabalho de pintura, desenho e gravura.

## A obra no contexto escolar

### A mediação do professor e o trabalho com o gênero textual poema

Para que a experiência com a leitura literária seja significativa ao leitor-criança, a mediação do leitor experiente (que no caso da escola é representada pela figura do professor) se faz essencial. Cabe, portanto, ao professor acompanhar os alunos em sua formação como leitores e fruidores literários, mediando as experiências que eles possam vir a ter com textos dramáticos, narrativos ou líricos, a fim de desenvolver o gosto pela leitura, estimular a imaginação e ampliar o conhecimento de mundo.

No caso do trabalho com o gênero textual **poema**, matéria-prima e primeira do livro **Mindinho maior de todos**, inicialmente é preciso que o professor invista no trabalho de auxiliar os alunos a reconhecer os aspectos e o valor da linguagem poética, distinguindo-a da linguagem referencial, declarativa e/ou informativa, tão presente em textos não literários – como as notícias, as receitas, os convites, entre outros – com os quais os alunos estão mais acostumados a lidar.

Para esse trabalho, vale, antes de tudo, levá-los a perceber que os poemas são “objetos linguísticos cujo sentido primordial não é funcionarem como meios para o conhecimento e/ou a comunicação, mas serem fruídos como obras de arte” (CICERO, 2017, p. 51-52). Assim, para mediar a recepção de um poema ou de um livro

composto de poemas, é válido primeiro levar os alunos a criar uma rotina prazerosa de leitura, tanto na escola quanto em outros espaços que habitem, incentivando-os a valorizar as manifestações que não tenham a função principal de comunicar ou de produzir conhecimentos, mas “sirvam” para proporcionar a livre fruição estética, relação que possibilita o humano a se aproximar de suas questões, humanas.

Nesse sentido, faz-se necessário instigá-los a “abandonar”, ainda que por momentos estanques, o tempo acelerado e cheio de informação de sua realidade imediata – a qual está imbuída de linguagem referencial e funcionalidade formativa/comunicativa –, transportando-os para outro tempo, para o tempo da poesia, no qual a informação e a comunicação dão lugar a não espera da recompensa (ninguém lê um poema querendo outra coisa que não seja ler o poema), tempo esse que exige a permanência, a leitura e a releitura demoradas, essenciais para desvendar os sentidos da poesia, que, de acordo com Pound (2006, p. 40) é “a mais condensada forma de expressão verbal”. Claro que, nessa experiência de permanecer em outro tempo, os leitores acabam tornando-se mais reflexivos e críticos para com o tempo inicialmente “abandonado” (o da sua realidade imediata), e isso pode ser considerada uma recompensa, uma resposta secundária.

Outro aspecto fundamental a ser considerado no trabalho com o poema é o olhar para além da significação, ou seja, a atenção não apenas para aquilo que se diz (para



o significado), mas também para a maneira de se dizer (para o significante). Nesse sentido, o professor precisa estar empenhado em motivar os alunos a localizar, reconhecer e articular os recursos da materialidade do poema (a sonoridade, o ritmo, as rimas etc.) que intensificam os sentidos semânticos condensados no poema.

O papel da mediação do professor é, portanto, prioritário no processo de formação do leitor e fruidor literário, sendo essencial para garantir que os alunos desenvolvam uma das aprendizagens essenciais descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para Língua Portuguesa:

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

(BRASIL, 2017, p. 85.)

## Lendo o livro *Mindinho maior de todos*

### Antes de começar a leitura

- Antes de iniciar a leitura dos poemas, oriente os alunos a investigar o livro, explorando os elementos verbais e visuais que compõem a capa, a quarta capa e as páginas internas dele, a fim de levantar hipóteses de leitura sobre o todo do objeto artístico (livro) com o qual conviverão por um tempo.
- Formule perguntas que os permita estabelecer pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função dos textos que compõem a obra investigada, apoiando-se nos conhecimentos que possuem a respeito do gênero textual “poema” e do suporte “livro de poemas”, bem como das pistas textuais e visuais percebidas. Questione-os, por exemplo: “Sobre o que vocês acham que esse livro vai tratar? (*Resposta pessoal.*)”; “Folheando o livro, foi possível reconhecer alguma característica que forneça pistas sobre os textos que o compõe? Todos os poemas são organizados de forma semelhante nas páginas? Essa organização os fez lembrar de algum texto que vocês já conhecem? (*Espera-se que os alunos indiquem a presença de versos e que reconheçam o gênero poema.*)”; “Nesse primeiro contato com o livro, vocês perceberam alguma forma de agrupar os textos e de relacioná-los às imagens? (*Espera-se que os alunos reconheçam que o livro traz, em cada dupla de páginas, um poema e uma*

*ilustração a ele vinculada. Essa forma de organizar os elementos dá uma unidade à obra e proporciona uma sensação de estabilidade, que acolhe o leitor e o aproxima de todo o novo e desconhecido mundo ao qual ele é convidado a adentrar).*

- Faça então a leitura do título do livro, perguntando o que lhes vêm à cabeça. Verifique se os alunos resgatam a referência feita à brincadeira de apresentação dos dedos, tão presente em nossa cultura popular: “Dedo mindinho,/ seu-vizinho,/ maior de todos,/ fura-bolo,/ mata-piolho”. Por pertencer à tradição oral, esse texto apresenta variações. Abra espaço para que os alunos compartilhem as versões conhecidas.

- Leia então o texto de 4ª capa do livro e auxilie-os a relacionar a ideia do “mindinho” à ideia de “poema” (muitas vezes curto em extensão, ou seja, pequeno como o dedo mindinho, mas carregado de significados, ou seja, grande como o dedo maior de todos). Nesse texto, o trabalho feito com a linguagem já anuncia o universo poético no qual os leitores são convidados a adentrar, pois apresenta uma sonoridade e um ritmo. Se achar pertinente, oriente os alunos a se reunir em grupos e a conversar sobre o que acham que está por vir na leitura do livro a partir desse texto de 4ª capa. Abra então a reflexão para toda a classe e vá anotando as expectativas de leitura que eles forem levantando na lousa. Peça que eles copiem as hipóteses de leitura no caderno. Faça o registro das hipóteses de leitura também, a

fim de poder retomá-las no final do processo de recepção do livro.

- Elabore perguntas que permitam aos alunos contar a relação que eles já tiveram até então com a poesia e com a leitura de poemas. A ideia de que os estudantes não gostam de poesia é muito disseminada no Brasil. Acontece que essa crença está proporcionalmente ligada à carência do trabalho com poesia nas escolas. Segundo Pinheiro (1988, p. 72), “estudante gosta de poesia. Não de qualquer poesia nem de poesia dada de qualquer forma”. Assim, o desafio está em mediar com qualidade o contato dos estudantes com os textos poéticos, sobretudo com o poema, gênero textual com o qual eles estão menos acostumados a lidar, já que os textos com linguagem mais referencial e com função comunicativa ou instrucional são claramente mais explorados na escola.

- Se achar oportuno, reserve uma aula toda para essa primeira investigação do livro, não iniciando a leitura propriamente dita de nenhum poema. Tente instiga-los para a leitura que virá, anunciando os títulos de alguns poemas, a fim de despertar neles a curiosidade e a vontade de lê-los em outro momento.

- Antes de promover a leitura dos poemas do livro **Mindinho maior de todos**, é possível organizar antecipadamente um sarau, em que os alunos tragam

poemas (ou outros textos em versos) que conheçam e gostem, com o desafio de lê-los expressivamente em sala de aula. Esse sarau inicial pode aproximar os alunos do gênero a ser trabalhado, motivando-os à leitura e à escuta expressivas e despertando a curiosidade deles para os poemas que lerão. A atividade pode corroborar também para aumentar repertório dos alunos e, conseqüentemente, a rede dialógica entre diferentes textos.

- Se considerar pertinente, organize com eles um mural onde os textos que eles trouxeram para esse primeiro sarau possam ser afixados e retomados ao longo do ano letivo. Se for possível, reserve um espaço para que eles acrescentem a esse mural poemas que forem conhecendo e coletando na escola ou fora dela.

- Outra possibilidade interessante para esse primeiro sarau é convidar também outros adultos (da escola ou da comunidade) para ler poemas de que gostem. Assim, os alunos vão ampliando o repertório de textos do mesmo gênero e também poderão ouvir diferentes modelos de leitura expressiva, por diferentes leitores experientes.

- Aproveite o momento para falar sobre a importância de utilizar um tom de voz adequado para a declamação dos poemas e de respeitar as quebras de versos e os sinais de pontuação que sugerem pausas, emoções e entoações e ajudam a construir a sonoridade

dos textos. Fale também sobre a possibilidade de incluir, nas declamações, gestos e expressões corporais e faciais que ajudem a imprimir e intensificar os sentidos dos poemas que serão lidos.

## Durante a leitura

- Após a primeira etapa de investigação do livro, proponha então a leitura compartilhada dos poemas. É possível, por exemplo, promover diferentes leituras de um mesmo texto, a fim de que se possa experimentar como os sentidos vão se ampliando a cada leitura.
- Durante o processo de leitura, incentive os alunos a comentar livremente cada texto, repetindo versos ou partes mais impactantes ou belas e até aquelas das quais não gostaram. Oriente-os a tentar reconhecer, na materialidade do texto, os recursos que ajudam a produzir os efeitos de sentido e motive-os a explicar como eles acham que determinados recursos provocam um ou outro sentido, uma ou outra recepção.
- À medida que forem avançando na leitura do livro, incentive-os a comparar um poema com outro, tentando retomar os que já foram lidos, a fim de estabelecer aproximações entre um e outro texto e buscar compreender como cada poema ajuda a construir a atmosfera poética do todo.
- A seguir, apresentaremos possíveis encaminhamentos de leitura para alguns dos poemas do livro **Mindinho maior de todos**, trazendo comentários que contextualizam os textos e apresentando percursos de leitura e abordagens para o trabalho em sala de aula, com orientações para as aulas de Língua

Portuguesa e, quando possível, sugestões de ampliações para os demais componentes curriculares, além da identificação dos temas que podem ser relacionados a cada texto. A intenção é apresentar alguns modelos de trabalho, que podem ser ampliados em seu planejamento, considerando a realidade de horas-aula e a disponibilidade de recursos materiais e espaços físicos da escola, bem como o interesse e o envolvimento dos alunos com o livro.

- Vale ressaltar que cada encaminhamento constitui apenas uma possibilidade de modelo de trabalho, não devendo ser limitador nem deslegitimador de demais percursos de leitura ou relações que possam ser estabelecidas por você ou pelos alunos durante a relação com o livro, haja visto que isso viria exatamente contra à liberdade inerente à literatura, à poesia, ao poema.



## Lendo alguns poemas

### Poema “Passarinheiro” (p. 6-7)

#### Comentando o poema

- O poema que abre o livro traz o lugar do jogo, da brincadeira com palavras e sons. A aliteração construída pela repetição cadenciada do som /s/, não apenas ajuda a construir o ritmo do poema, mas remonta a um travalíngua muito conhecido em nossa cultura popular (“A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar”).
- Desde o título (“Passarinheiro”) – cuja a extensão pode também travar a língua de quem o tente falar rapidamente –, a referência a esse jogo de palavras já é anunciada. A forma do poema, ou seja, seu significante, leva então o leitor-criança para um lugar dele conhecido e apreciado, o da brincadeira sonora e desafiadora, capaz de travar a língua. Partindo desse lugar conhecido da forma, o conteúdo (o significado), em contrapartida, remete ao desconhecido, ao “segredo” da origem da vida, e carrega em si um questionamento tão comum às crianças: “quem é o pai do pai do pai do pai do meu pai?”. A resposta, mistério com o qual o ser humano se depara (de onde vim e para onde vou?) é sabida apenas pelo “sabiá da velha sabia”, que no meio do assunto se cala.

- A ilustração que acompanha o poema no livro mostra o passarinho juntos a objetos (caixa e sapato) que se ligam ao “...seu Sousa da sapataria”, figura possivelmente humana que não aparece na imagem. O recorte da ilustração contribui para a construção da ideia de mistério que remonta à questão geradora do poema: o segredo da origem da existência humana.

## Ampliando a leitura

- Se achar oportuno, peça aos alunos que pesquisem variações do trava-língua ao qual o poema “Passarinheiro” faz referência e que brinquem de falar rapidamente cada texto recolhido. Destaque que, por se tratar de um texto de tradição oral, esse trava-língua apresenta variações. Depois das brincadeiras com o trava-língua incidental do poema, sugira que eles brinquem de reler o poema “Passarinheiro” rapidamente, tentando não tropeçar em nenhum verso.

## Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa

- Para trabalhar a percepção da aliteração como recurso importante na construção da sonoridade do poema, é possível copiar trechos do texto na lousa e destacar as repetições do fonema /s/. Por exemplo: “Quería **s**aber de um **s**egredo/ um **s**egredo tão **s**ecreto/ que nem **s**e **s**abe quem **s**abe ao **c**erto/ [...] [Foi **s**eu **S**ousa da **s**apataria/ que ficou **s**abendo/ e **s**aiu **s**oprando]/ O **s**abiá **s**oltou-**s**e ao vento/ e **s**altou **a**ssobiando.”

- Por meio dessa atividade, além de trabalhar o valor da aliteração (que pode remeter ao som do cochicho), e possível retomar com os alunos algumas relações fono-ortográficas do português do Brasil, levando-os, por exemplo, a perceber que várias letras ou agrupamentos de letras (**s**, **c** e **ss**) podem representar o mesmo som (/s/). Além disso, é possível recuperar as correspondências regulares contextuais entre letra e fonema, no caso de **s** e **ss**, por exemplo (em “saltou **ass**obiando”, o **s** e o **ss** representam o mesmo som).

- Formule perguntas a partir das marcações que fez na lousa em relação à repetição do som /s/, a fim de motivá-los a descrever possíveis regularidades. Eles podem indicar, por exemplo, que a letra **s** no início da palavra e o **ss** entre vogais representam o mesmo som, como ocorre em **s**abiá e **pass**arinho, e que a letra **s** entre vogais representa o mesmo som que a letra **z**, como acontece em **S**ousa, em que o segundo **s** da palavra não ajuda a construir a repetição do som /s/, não tendo sido, portanto, destacado na lousa na ocasião da investigação da aliteração no poema.

**Temas relacionados:** Família, amigos e escola, na medida em que promove a reflexão sobre a construção de percepções e questionamentos sobre si e sobre o outro pela investigação da origem e da ancestralidade; **O mundo natural e social**, ao tratar das relações do indivíduo com sua existência no universo; **Diversão e aventura**, na medida

*em que convida o leitor a ir além da sua realidade imediata, estimulando a imaginação e o envolvimento com a leitura por meio de jogos e brincadeiras com palavras.*

## Poema “D´um mundo que boca não fala” (p. 9-10)

### Comentando o poema

- No poema, o eu lírico parte de uma reflexão sobre a importância da linguagem, imaginando como seria viver na ausência dela (“E se o mundo ficasse mudo”) e chega na saudade da voz do outro, que se calou dentro da realidade imaginada (“Deu foi saudade do canto/ do seu acalanto”).
- Além dessa questão, outra também importante emerge dos versos é a que circunda a necessidade humana de imaginar e comunicar (“olha para a gente inventando os barulhos”), bem como a necessidade de “parar” no silêncio, a fim de valorizar aquilo que não é objetivamente dito, mas que muito diz (“Ontem o mundo ficou mudo/ e eu ouvi um bando de coisa que boca não fala”).
- O texto faz referência a brincadeiras infantis (“vaca amarela”), a manifestações artísticas do universo da cultura brasileira (“cantigas, reisados, congados”) e também a expressões populares e regionais, como “pererê, caixa de fósforo” e “tim-tim por tim-tim”, as quais acabam aproximando o leitor do texto e o texto da fala, faculdade humana sobre a qual recai o questionamento inicial e gerador do poema.
- As perguntas postas no poema, além de ajudar a

construir o conteúdo, auxiliam na construção melódica e rítmica, na medida em que marcam uma melodia ascendente, indicada, no registro escrito, pelo ponto de interrogação.

- Na ilustração, as colagens de pedaços de partituras sobre uma imagem que lembra a representação convencional do mundo (mapa-múndi) acabam remetendo a ideia de que, por meio da linguagem e da imaginação, o ser humano pode representar infinitos lugares e realidades.

## **Ampliando a leitura**

- Pergunte aos alunos se eles conhecem a expressão popular indicada entre aspas no poema (“pererê caixa de fósforo”) e se sabem o que ela significa. Motive-os a tentar extrair o sentido dela pelo contexto dos versos.

## **Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa**

- Comente que a expressão “pererê caixa de fósforo” é comumente utilizada na região Nordeste do Brasil e que, na maioria das vezes, aparece no discurso para encerrar uma enumeração, no lugar do “etc.” ou de construções como “entre outras coisas”, “e outros”. Releia a parte da estrofe em que essa expressão aparece, para que os alunos percebam que, também no poema, ela é utilizada para concluir uma enumeração: “E as cantigas, os congados, os

reisados,/ atabaques, tamborins, caxixis,/ xequerês,  
“pererê, caixa de fósforos?”.

- Se achar oportuno, oriente-os a consultar um dicionário para pesquisar a etimologia de **etc.**, que é uma abreviação da expressão latina *et cetera* e significa “e outras coisas”.

## **Integrando saberes – Música**

- Caso ache válido, peça aos alunos que releiam o poema e tentem localizar entre os versos alguns nomes de instrumentos musicais. Depois, oriente-os a pesquisar informações e imagens de cada instrumento mencionado (“atabaques, tamborins, caxixis,/ xequerês [...]”). Todos os instrumentos citados no poema são da família dos instrumentos de percussão. No endereço <<http://www.projetoguri.org.br/livros-didaticos/>> (acesso em 24 abr. 2018), é possível baixar gratuitamente o livro “Percussão – Livro do Educador” e conhecer um pouco dos instrumentos, a fim de melhor mediar a investigação dos alunos.
- Se for possível e houver instrumentos percussivos disponíveis para o uso na escola, promova uma atividade de releitura do poema “D’um mundo que boca não fala”, agora com intervenções percussivas. Para tanto, reúna os alunos em grupos e motive-os a criar suas próprias releituras, que podem ser apenas acompanhadas com um ritmo bem marcado, virar melodias, apresentar intromissões mais estanques

dos instrumentos, entre outras. Combine com eles um dia para que apresentem suas releituras e dê liberdade para que se expressem. No processo de construção dessas leituras, provoque-os a usar os instrumentos de forma a intensificar possíveis sentidos sugeridos pelo poema.

- Proponha também aos alunos que pesquisem sobre as manifestações artísticas citadas no poema, como o congado e o reisado, investigando a música que costuma estar presente em cada festa. Tanto a música como as vestimentas podem servir de repertório para o desenvolvimento de suas releituras com intervenções percussivas.

**Temas relacionados:** **Autoconhecimento, sentimentos e emoções**, *na medida em que um eu lírico experimenta sua existência em um mundo suposto e inventado que acaba lhe causando saudade de uma realidade anterior e “conhecida”;* **O mundo natural e social**, *ao tratar das relações do indivíduo em esferas mais amplas, como o mundo conhecido ou a realidade imediata, e permite o contato com a diversidade de contextos regionais e locais, por meio das referências feitas objetivamente a elementos da cultura e expressões de fala regionais;* **Diversão e aventura**, *na medida em que convida o leitor a ir além da de sua realidade imediata, estimulando a imaginação e o envolvimento com a realidade suposta e inventada pelo eu lírico.*



## Poema “Pulo de sapo” (p. 10-11)

### Comentando o poema

- Por meio da leitura desse poema, o leitor é transportado para o lugar “do poeta” e convidado a olhar sensivelmente para um acontecimento corriqueiro, que se dá repetidamente na natureza (o pulo do sapo no lago), sendo levado a perceber que algo trivial pode virar matéria poética, em um tempo que não é nem funcional nem imediato: o tempo da poesia.
- O texto faz referência a um haikai famoso do poeta japonês Matsuo Bashô, o qual descreve a imagem de uma rã saltando na água. Tal haikai ganhou diversas traduções pelo Brasil e pelo mundo e acabou se tornando muito conhecido e apreciado como objeto artístico.
- A ilustração que acompanha o poema representa o instante observado (do pulo do sapo) e marca outra forma (agora não mais com palavras, mas com desenho) de eternizar um acontecimento corriqueiro do tempo imediato, transformando-o em poesia por meio da expressão artística.

### Ampliando a leitura

- Se for possível e achar pertinente, leia para os alunos as traduções de Haroldo de Campos e Vinicius de Moraes para o haikai da rã, de Bashô. Essas traduções são facilmente encontradas na internet.

- Após a leitura do haicai, convide os alunos a reler o poema “Pulo de sapo” e a conversar sobre a nova experiência de leitura. Pergunte, por exemplo, se algo mudou na recepção do texto após conhecerem o clássico de Bashô, com o qual ele dialoga.

## Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa

- Explicitar as alusões feitas no poema a outro texto (fora dele) pode ser importante para que os alunos possam ir aos poucos ampliando seus repertórios e percebendo os diálogos que acontecem entre os textos, diálogos esses que ampliam sentidos e dão abertura a novas “conversas” em uma rede de expressões que se interliga.
- Comente que esse diálogo entre textos é chamado de **intertextualidade** e consiste na influência ou relação que um texto estabelece com outra expressão artísticas ou mesmo outros contextos históricos, políticos, culturais, etc. A intertextualidade pode acontecer de diferentes maneiras: por citação direta ou indireta, por alusão ou recriação, etc.
- Explique que a intertextualidade entre “Pulo de sapo” e o haicai da rã de Bashô não é feita de forma direta e que pode não ser resgatada por leitores que desconhecem o haicai. Destaque, contudo, que o poema “Pulo de sapo” produz sentidos por si só e que acaba carregando a atmosfera do texto ao qual faz referência, permitindo que mesmo esse leitor que não conhece o

texto referido possa adentrar na atmosfera dele, construindo outras relações e novos diálogos com ele.

- Motive os alunos a verificar, em textos de seus repertórios, a presença do diálogo com outra obra de arte. Abra espaço para que eles compartilhem as descobertas com a classe.

## **Integrando saberes – Arte**

- Proponha aos alunos que produzam a sua própria expressão visual do poema lido, representando como observaram o pulo do sapo ou da rã na água. É possível organizar um grande mural que traga todas as artes por eles produzidas e versos soltos, tanto do “Pulo de sapo”, quanto do haikai de Bashô ou mesmo alguns que os alunos tenham criado depois do trabalho com essas leituras.

**Temas relacionados:** **Autoconhecimento, sentimentos e emoções**, *na medida em que promove a ampliação ou o novo direcionamento do olhar do leitor, por meio da observação do modo como o eu lírico se relaciona com seu meio e com as emoções diante de um acontecimento;* **O mundo natural e social**, *ao tratar das relações do indivíduo com o meio ambiente e das descobertas advindas dessa relação por meio da observação e seleção sensível do olhar;* **Diversão e aventura**, *na medida em que convida o leitor a ir além da de sua realidade imediata, estimulando a imaginação e o envolvimento com a leitura.*

## Poema “Máquina de fazer poemas” (p.12-13)

### Comentando o poema

- Esse poema pode ser entendido como uma grande metáfora do processo de criação literária. Por meio de brincadeiras com palavras que sugerem metamorfoses inesperadas na relação concreto-abstrato (uma ideia virando um objeto ou uma pessoa e vice-versa), abstrato-abstrato (uma ideia virando outra ideia) e concreto-concreto (um objeto virando outro objeto, por exemplo), seus versos vão fazendo alusão às surpresas com as quais o autor se depara em seu processo de invenção (que escritor nunca se surpreendeu com o inesperado no próprio ato da escrita?).
- Nas três primeiras estrofes, a sonoridade é bem marcada e se dá pela repetição do primeiro verso (“Na máquina de fazer poemas”); pela regularidade rítmica; e pelas rimas finais recorrentes entre a palavra que finda o segundo verso e a que aparece no início do terceiro (**flor/incolor; poeta/seta; leopardo/ Bernardo**) e entre a palavra que finda o terceiro verso e a que finda o quarto verso (**infinito/mito; verso/universo; árvore/ mármore**). Tal sonoridade pode remeter às teclas da máquina de escrever quando o eu lírico (no lugar do poeta) “embala-se” na escrita, e os versos começam a nascer quase que espontâneos (num “datilografar” regular). Nas duas últimas estrofes do poema, contudo, a regularidade

se quebra: a repetição no primeiro verso da quarta estrofe (“Na máquina de fazer poemas”) ainda se mantém na transição, mas as rimas finais entre palavras intraversos deixam de ser pareadas como antes e passam a acontecer a outro sabor. É como se o poeta encontrasse um desafio em sua escrita, como a pedra do “Catar feijão” de João Cabral de Melo Neto, e parasse de “datilografar” de forma tão fluída como vinha fazendo, encontrando uma solução com caminhos diferentes dos anteriores para concluir o poema, solução essa que exige dele outro ritmo para “datilografar”.

• Uma marca importante do poema é a **intertextualidade**. Enquanto a metáfora do processo de escrita é construída, mobilizam-se inúmeras relações trazidas de outros textos, com os quais o poema dialoga, o que é revelado nos próprios versos : “Na máquina de fazer poemas/ [de outros poetas]/ ontem foi assim). É possível resgatar, por exemplo, diálogos mais longínquos e menos evidentes – como a ligação com o poema “Livros e flores”, de Machado de Assis (pelo verso “entra livro e sai flor”); a referência a um dos versos de “Definição”, de Ana Cristina Cesar, em que a “poeira é poeta” (pelo verso “entra poeira e sai poeta”); a remissão ao verso “Que fez de fulana mito”, do poema “Mito”, de Carlos Drummond de Andrade (pelo verso “e a fulana se transforma em mito”); a menção à aldeia que dá vista para o universo, no verso “Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo”, na parte VII de “O Guardador de

rebanhos”, de Alberto Caeiro (pelo verso “e a aldeia se transforma em universo”); a alusão a um dos versos de “Para saudar-te”, de Álvaro de Campos, em que o sujeito poético diz precisar tornar os versos seta (pelo verso “a seta vira logo um verso”); a seleção do par “a pomba e o leopardo”, em “A captura e a morte”, de Frederico Garcia Lorca; a ideia de que as ondas do Mediterrâneo estão traçadas no mármore, de “Poema(s) da cabra”, de João Cabral de Melo Neto; e a citação ao verso “Maior que o infinito é o incolor”, no “Dia um”, de “Os deslimites da palavra”, de Manoel de Barros –, bem como os diálogos mais prontamente reconhecíveis – como a referência ao Bernardo sendo árvore, em “Bernardo é quase uma árvore”, de Manoel de Barros (pelo verso “o Bernardo vira quase árvore”), e o gato virando Maquininha, no “O ron-ron do gatinho”, de Ferreira Gullar\* (pelos versos “pois que poderia,/ um dia,/ um gato virar maquininha?”).

\* todos os textos aqui mencionados estão referenciados nas Referências Bibliográficas, ao final deste Manual.

## **Ampliando a leitura**

- A ilustração que acompanha o poema sugere uma máquina de escrever capaz de dar conta das metamorfoses sugeridas no poema, concretizando visualmente a experiência de imaginação ali proposta. Como provavelmente os alunos não conhecem esse objeto, atualmente obsoleto, seria interessante

apresentar imagens ou vídeos em que ele apareça.

- Se tiver acesso a uma máquina de escrever, seria interessante levá-la para a sala de aula, para que os alunos a explorem. É possível também fazer uma leitura com intervenções sonoras usando a máquina. Por exemplo: peça a um dos alunos que leia expressivamente o poema, enquanto você tira sons da máquina. Faça como se estivesse datilografando o texto lido, tentando ressaltar a regularidade sonora das três primeiras estrofes e a quebra a partir da quarta estrofe. Dessa forma, além de se aproximar do objeto, os alunos vão reconhecer, pelo estímulo marcado do ritmo, a construção da sonoridade do poema que leram.

- Caso considere pertinente, comente com os alunos que atualmente a máquina de escrever é utilizada como instrumento musical por alguns percussionistas experimentais, que investigam diferentes instrumentos do cotidiano que podem produzir som e criar novas possibilidades sonoras e até cênicas (em *shows*).

## **Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa**

- Se for possível e achar pertinente, continue conversando com os alunos sobre a intertextualidade, ampliando a reflexão iniciada na ocasião da leitura do poema “Pulo de sapo”.

- Comente com os alunos que o poema “Máquina de escrever” dialoga com diversos textos, de diferentes autores. Para que eles entendam um pouco como a intertextualidade é construída no poema, leia o poema “Bernardo é quase árvore”, de Manuel de Barros, e “O ron-ron do gatinho”, de Ferreira Gullar. Esses poemas são facilmente encontrados na internet.
- Após a leitura, pergunte aos alunos se conseguem encontrar a intertextualidade entre os textos de Manuel de Barros e Ferreira Gullar e o poema “Máquina de escrever poemas”, questionando também como essa intertextualidade aparece. (*Espera-se que os alunos indiquem os versos “o Bernardo vira quase árvore” como alusão ao texto de Barros e o verso “um gato virar maquininha” como alusão ao texto de Gullar*).
- Explique que esses textos são apenas dois exemplos da intertextualidade, que aparece muitas vezes no poema. É interessante levar os alunos a perceber que o poema é todo costurado de referências feitas a outros textos, a fim de que possam melhor significar o trecho “Na máquina de fazer poemas,/ [de alguns poetas] ontem foi assim”.
- Não é necessário mostrar todas as alusões apresentadas neste Manual e nem é esperado que os alunos reconheçam sozinhos o processo dialógico, até porque a leitura do poema acontece, mesmo sem o desvendar dessa dialogia. Reconhecer, contudo,



a intertextualidade (o que pode ser feito com a sua mediação, professor), enriquece não apenas a leitura, mas instrumentaliza os alunos a perceber construções intencionais de que o poeta faz uso para ampliar e intensificar sentidos, redimensionando e despertando a curiosidade deles para a aventura que é “desembrulhar” todo o contido e condensado que habita cada poema.

**Tema relacionado:** *Diversão e aventura, na medida em que convida o leitor a ir além de sua realidade imediata, estimulando a imaginação e o envolvimento com a leitura, aventurando-se e deliciando-se com as relações inesperadas que o poema apresenta, relações de transformação de uma coisa em outra de natureza completamente diferente.*

## Poema “Eu sou eu mesmo desde que nasci” (p.14-15)

### Comentando o poema

- O poema apresenta a fala de um eu lírico que parece tentar ratificar a própria identidade pela negação de sua aproximação com nomes que remetem a profissionais, ofícios e/ou profissões, significantes que carregam em si padrões socialmente preestabelecidos de estar e de se relacionar com os outros e com o mundo. Quando dizemos que somos professor, cantor ou estudante, nos enquadrados em determinados padrões atitudinais e relacionais que circundam a ideia de ser professor, cantor ou estudante; e esse “enquadramento” promove certa uniformização do ser e uma conseqüente perda de singularidade. É contra essa possível “padronização” do sujeito que o eu lírico parece se colocar, escolhendo encerrar o texto com qualidades que o particularizam. Para particularizar-se, contudo, ele seleciona o anti-exemplo, apontando para um jeito de ser possivelmente considerado inadequado por muitos, haja visto que estar de mudança o tempo todo porque não se deseja arrumar a casa nem de longe é um “enquadramento” social.

- A ilustração que acompanha o texto vai ao encontro dessa busca pela identidade e singularização do ser ao apresentar o nome **Joaquim** inscrito sobre um “borrão” ou emaranhado de pinceladas e riscos. Tal

representação pode ser entendida como tentativas de fuga e permanência (em espaços delimitados) de quem pincela ou risca, agente que pode simbolizar o sujeito do poema, que não deseja o enquadramento e, ao final, acaba se reconhecendo como o próprio emaranhado, sobre o qual se inscreve.

## **Ampliando a leitura**

- Converse com os alunos sobre os profissionais, ofícios e/ou profissões elencadas nos dez primeiros versos da segunda estrofe, fazendo comentários a respeito de cada uma e esclarecendo possíveis dúvidas deles em relação ao que uma pessoa que “seja” ou “esteja” em uma ou outra profissão realiza como trabalho.
- Consulte com eles o dicionário e vá fazendo essa investigação coletivamente. Depois, proponha uma releitura do poema e, em seguida, pergunte aos alunos se o texto ficou mais significativo (em sentidos, imagens ou outras relações) para eles após a pesquisa sobre cada profissional, ofício e/ou profissão elencado.

## **Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa**

- Aproveite a segunda estrofe do poema “Eu sou eu mesmo desde que nasci” para propor uma pesquisa sobre o processo de formação das palavras ali mencionadas, as quais apontam para o universo

profissional, de ofício e/ou de profissão.

- Organize os alunos em dez diferentes grupos e peça a eles que investiguem o processo de formação de cada conjunto de três palavras que aparece em cada um dos dez primeiros versos da segunda estrofe. Cada grupo deve, então, ficar responsável por investigar as formações dessas três palavras. Com essa atividade, espera-se que os alunos desenvolvam habilidades relacionadas, por exemplo, a 8ª competência específica de LP na BNCC, a qual aponta para a importância em saber selecionar textos e livros de acordo com o objetivo de pesquisa.
- A pesquisa em questão é desafiadora e exige a busca e interligações de informações em diferentes fontes, sobretudo porque muitas das palavras a serem investigadas são exemplos dos chamados “compostos eruditos” (CUNHA, 2001, p.108), formados por radicais latinos e gregos comuns no processo de composição de nomenclaturas científica, técnica e literária. Auxilie os alunos no desenvolvimento das pesquisas, indicando os possíveis caminhos a serem tomados para descobrir como tais palavras são formadas.
- Comente que um primeiro bom passo é procurar a etimologia das palavras no dicionário. Nessa consulta, eles já vão reconhecer as palavras formadas por derivação sufixal, que o dicionário costuma apresentar com a indicação da palavra derivada e seu

respectivo sufixo (como é o caso da palavra **mari-nheiro**, que costuma ser indicada como “marinha + -eiro”). Um segundo passo importante, é fazer consultas a diferentes gramáticas e, depois, para os casos mais difíceis, procurar especificamente cada termo na internet. Faça a mediação do processo, instigando os alunos a ser protagonistas das próprias pesquisas. Após a investigação, promova o compartilhamento das descobertas e, caso eles não consigam desvendar a formação de alguma palavra, faça a pesquisa coletivamente, construindo as relações que podem levá-los a desvendar o processo de formação desconhecido.

- Além de descobrir como se dá a formação das palavras pesquisadas, ao final do compartilhamento dos resultados, eles serão capazes de diferenciar as palavras que são formadas por derivação sufixal e apresentam sufixos que indicam ocupação (como o sufixo **-ista** em **malabarista**) ou um agente da ação (como o **-(d)or** em, **aviador** e o **-nte** em **estudante**), por exemplo, daquelas palavras compostas por radicais ditos eruditos (como é o caso de **pedagogo**, formada pelo radical grego **pedo-**, com sentido de “criança”, e **-agogo**, com o sentido de “que conduz”).

**Temas relacionados:** **Autoconhecimento, sentimentos e emoções**, *na medida em que aponta para o reconhecimento e construção da própria identidade e processo de amadurecimento do ser*; **O mundo natural e social**, *ao tratar das relações do indivíduo com os padrões sociais*; **Diversão e**

**aventura**, na medida em que convida o leitor a brincar com uma grande quantidade de palavras sonoramente conhecidas, utilizada por um sujeito lírico que questiona os padrões de “ser” da realidade imediata.

## Poema “Quem bem me vê” (p. 16-17)

### Comentando o poema

- O poema remete a vivências da primeira infância – em que por meio de jogos simbólicos, a criança explora diferentes formas de brincar de ser e de pertencer ao mundo pela imaginação – e acaba propiciando que o leitor, assim como a criança faz quando brinca, possa entrar em contato e elaborar diversos sentimentos, sensações e emoções, podendo compartilhar da experiência do sujeito lírico que é ora bruxa, ora monstro, ora ET, dependendo do dia e de quem o observa ou com quem convive.
- A ilustração que acompanha o poema amplia os sentidos do texto e o contato com a diversidade de ser e estar por ele sugerida ao apresentar o reflexo de uma princesa em um espelho que mais parece pertencer a um universo monstruoso, do qual a sombra de uma bruxa e de garras de monstros saltam atrás. Não há ninguém diante do espelho, lugar que passa a ser assumido pelo leitor, o qual pode também ver-se ora princesa, ora bruxa, ora monstro.

### Ampliando a leitura

- Se achar oportuno, proponha que os alunos experimenterem ler expressivamente o poema, testando timbres diferentes para cada experiência de ser/estar ou mesmo criando outras marcas para indicar cada

mudança sugerida pelos versos. Ao ler cada verso, eles podem, por exemplo, buscar modular a voz de acordo com a figura ou ser mencionado.

## Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa

- O poema “Quem bem me vê” apresenta um trabalho com rimas finais bem marcado, sobretudo nos quatro primeiros versos. A palavra que encerra o primeiro verso rima com a palavra que encerra o segundo (**bela/banguela**); assim como a última palavra do segundo verso rima com a palavra que finda o quarto (**faceiro/grosseiro**). A partir do quinto verso essa regularidade é quebrada, mas a presença da rima ainda se faz reconhecível. Sendo assim, é interessante propor uma investigação de como se dá a construção da sonoridade do poema por meio da identificação dos sons semelhantes.
- Para tanto, peça aos alunos que copiem o poema no caderno e, em duplas, encontrem as semelhanças de sons que tornam o texto sonoro, ou seja, agradável aos ouvidos. Oriente-os a pintar, usando uma mesma cor, as palavras que rimam. Solicite também que sublinhem os sons consonantais que se repetem e constroem a aliteração, recurso também importante para a construção sonora do texto, como eles já viram no poema “Passarinheiro”.
- Copie então o poema na lousa e, coletivamente, vá pintando e sublinhando as semelhanças sonoras



que eles identificaram no trabalho em dupla. Além das rimas finais já destacadas nos quatro primeiros versos, verifique se eles indicam as rimas presentes em **dragão-bom-coração** e **vilão**; bem como entre **vê** e **E.T.** (nesse caso, chame a atenção deles para o fato de que nem sempre a semelhança sonora coincide com a semelhança na representação escrita). Aproveite também para ressaltar o valor das aliterações, presentes, por exemplo, em “Sou **bruxa bela/** e princesa **banguela**”, “**De** pendendo **do dia**”, “e de **quem bem me vê**”, etc.

**Temas relacionados:** **Autoconhecimento, sentimentos e emoções**, *na medida em que aponta para o reconhecimento e construção da própria identidade e processo de amadurecimento do ser*; **O mundo natural e social**, *ao tratar das relações do indivíduo com os padrões preestabelecidos cultural e socialmente*; **Encontros com a diferença**, *ao despertar para o reconhecimento da pluralidade do indivíduo, processo que pode aumentar a capacidade de empatia e, conseqüentemente, apontar para a necessidade de uma convivência respeitosa e pacífica com a diversidade, do individual ao coletivo*; **Diversão e aventura**, *na medida em que convida o leitor a ir além de sua realidade imediata, estimulando a imaginação que o permite brincar de experimentar diferentes posições de ser e estar no mundo.*

## Poemas “Meu irmão nasceu” e “Hoje vou aproveitar minha avó” (p. 18 a p. 21)

### Comentando os poemas

- Nos dois poemas, o sujeito lírico fala de sentimentos e emoções despertadas em sua relação com o mundo imediato do seio familiar: a mescla de amor e ciúme que sente do irmão mais novo e o medo da perda e a saudade da avó, figura com a qual parece viver uma forte relação afetiva e de quem provavelmente em breve, pelo percurso natural da vida, terá de se despedir.
- Nos dois poemas, elementos como a vida, a morte, o ciúme, o amor, o medo da perda e a dubiedade da vontade são trabalhados por meio da representação simbólica, o que permite ao leitor momentos de mergulhos significativos para experienciar e elaborar diferentes relações consigo mesmo e com o outro – que nos poemas é representado por familiares, mas cuja transferência é possível para fora dessa esfera: um amigo que pode ser considerado um irmão ou uma vizinha mais velha que pode ser tão importante quanto uma avó.
- As ilustrações de ambos os poemas reforçam a densidade dos sentimentos e emoções do sujeito lírico, que se mistura ao irmão com quem quer e não quer estabelecer uma relação de amor e projeta a visão vazia do lugar da vó (a cadeira de balanço),

antecipando a dor de uma provável perda, a fim de ver-se capaz de suportar uma dor futura e aproveitar ao máximo a boa presença que virará lembrança (e saudade).

## **Ampliando a leitura**

- Converse com os alunos sobre as relações com a família, permitindo que compartilhem experiências boas e difíceis. Reconhecer, no outro, sentimentos e emoções próximas às nossas é importante para desenvolver a empatia e o respeito com o próximo. Faça a mediação da conversa, pedindo que eles estabeleçam relações com os textos, mencionando, por exemplo, um ou outro verso que tenha despertado neles a vontade de falar sobre uma ou outra vivência compartilhada.
- Após a conversa, pergunte se alguém gostaria de reler em voz alta um dos dois poemas. Oriente o leitor a tentar imprimir na leitura um pouco de tudo o que foi conversado em sala, traduzindo as emoções e sentimentos em expressividade por meio da entonação, da pausa significativa, da variação melódica e rítmica etc.

## **Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa**

- Explore com os alunos o modo como se dão as quebras de versos em cada poema. É possível pedir a eles que experimentem reescrever no caderno uma

determinada estrofe de um dos dois poemas, experimentando quebrar os versos de forma diferente daquela que se apresenta originalmente no livro. Em seguida, peça a eles que leiam em voz alta a estrofe, agora marcando na leitura as quebras que eles propuseram. Com a atividade, espera-se que eles percebam como a escolha em relação a quebra de versos configura-se um recurso importante tanto para a forma (pela sonoridade) quanto para o conteúdo (pela significação). Ao final da atividade, copie na lousa duas ou mais possibilidades de quebras de versos apresentadas para cada estrofe e converse com os alunos sobre possíveis mudanças de sonoridade e sentido.

**Temas relacionados:** **Autoconhecimento, sentimentos e emoções**, *na medida em que aponta para o reconhecimento e construção da própria identidade por meio do compartilhamento de sentimentos e emoções experienciadas pelo sujeito lírico, como o ciúme, o medo da perda, a saudade, etc.;* **Família, amigos e escola**, *ao apresentar possibilidades para o leitor pensar a relação com o mundo imediato de seu seio familiar e poder refletir sobre si e sobre o outro por meio do compartilhamento das experiências do sujeito lírico;* **Encontros com a diferença**, *ao motivar reflexões sobre a relação com o outro em espaços familiares, o que pode apontar para a necessidade de compartilhar, cuidar e respeitar os indivíduos com quem se convive em casa ou em esferas mais amplas.*

## Poema “Primeiro lugar” (p. 40-41)

### Comentando o poema

- O poema provoca no leitor a reflexão sobre a competição e aponta para a existência de um lugar de ser que é único, onde ninguém ganha ou perde. Nesse lugar está a valorização da singularidade do ser (ninguém é igual a ninguém) e o cultivo do respeito à pluralidade de seres (e de novo: ninguém é igual a ninguém).

### Ampliando a leitura

- Neste poema, é possível reconhecer a presença de duas vozes poéticas, uma que contextualiza o ser observado (Maria), assemelhando-se a figura de um narrador em terceira pessoa, típico dos textos em prosa; e outra que parece imprimir vida a esse ser (a fala de Maria).
- Se achar pertinente, promova repetidas leituras expressivas, em duplas, solicitando que cada aluno seja responsável por uma das duas vozes marcadas no poema. Em seguida, converse com a turma sobre possíveis mudanças na experiência de recepção do poema.

## **Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa**

- Oriente os alunos a investigar como a mudança de voz (de terceira para primeira pessoa) foi marcada no poema. Espera-se que eles indiquem a utilização dos dois-pontos e que reconheçam a função desse sinal de pontuação, comumente utilizado em textos que apresentam diálogos, para anunciar a fala de um personagem. Verifique também se eles apontam o recuo de texto utilizado para marcar a entrada da voz em primeira pessoa.

## **Integrando saberes – Educação Física**

- É possível aproveitar a temática da competitividade e trazê-la para ser discutida em uma das aulas de Educação Física. O professor pode propor uma roda de conversa sobre o tema antes ou depois de um jogo em equipe ou mesmo em momentos que perceba que os alunos estejam vivenciando relações agressivas de competição.
- O questionamento a respeito da competitividade, sobretudo nos dias atuais, em que muitas vezes a competição acaba sendo o próprio fim, torna-se muito relevante. Quando a competitividade está para o sujeito como um motivador para melhoria pessoal, ela pode até ser frutífera, mas quando a competição vira só uma competição (ganhar por ganhar) ou promove a vontade de inferiorizar o “perdedor” e vangloriar o “ganhador” pela derrota do outro, tudo só pela

competição em si, ela vira um obstáculo para o crescimento pessoal de todos os envolvidos na relação competitiva.

- Seria interessante também aproveitar a roda de conversa para falar sobre a importância de respeitar cada colega, em sua particularidade e limitações, incentivando os alunos a montar, para os jogos em equipe, times múltiplos, que possam acolher as diferenças e possibilitar soluções criativas para que as diversas habilidades sejam aproveitadas na conquista de melhores resultados. Comente, por exemplo, que um colega que não tenha tanta habilidade para fazer dribles de bola, mas que tenha habilidade analítica e demonstra ser um ótimo revolvedor de problemas, pode ajudar a criar boas jogadas em uma partida de futebol. Além disso, participando do jogo, esse aluno poderá se tornar melhor nos dribles, assim como aqueles alunos que já eram bons de drible poderão, com ele, aprender a planejar melhor suas ações no jogo.

## Integrando saberes – Língua Inglesa

- Se achar pertinente, discuta com os alunos as aproximações e distanciamentos existentes entre o verbo **to be**, em inglês, e os verbos **ser** e **estar**. Como se sabe, o **to be** equivale a dois verbos no português (**ser** e **estar**), e sua diferenciação é dada pelo contexto de uso. No português, o verbo **ser** e o verbo **estar** ganham significantes e significados distintos e permitem construções como as propostas nos versos:

“Eu sou Maria./ Maria estou./ Eu estou a única Maria/ que sou”.

- Comente com os alunos como seria difícil transmitir, em inglês, a mesma mensagem mantendo a mesma construção e fazendo uso apenas do verbo **to be**. Explique, contudo, que, apesar de não haver palavras exatamente correspondentes nesse caso, ainda assim é possível haver caminhos para transpor os sentidos.
- Se achar interessante, proponha que, em grupos, brinquem de ser tradutores e tentem encontrar uma solução para expressar, em inglês, a mesma ideia proposta nesses versos de “Primeiro lugar”. Nesse momento, o importante é apenas o conteúdo, não sendo necessário se atentar à forma, o que dificultaria demais a atividade. (Possibilidade: “*I am Maria./ And I’m being Maria right now./ I am the only Maria I have ever been*”).

**Temas relacionados:** **Autoconhecimento, sentimentos e emoções**, *na medida em que aponta para o reconhecimento e construção da própria identidade a partir da busca por ser e estar em consonância com aquilo que se acredita ser;* **Família, amigos e escola**, *ao apresentar uma voz identificada (voz de Maria) que reflete sobre suas relações com o outro, com o qual inicialmente só desejava competir e de quem só pretendia ganhar;* **Encontros com a diferença**, *quando a busca da singularidade do ser abre espaço para o acolhimento e o respeito às diferentes singularidades.*



## Poema “Quem foi que inventou” (p. 48-49)

### Comentando o poema

- O poema retoma a questão sobre a origem da vida – questão que foi trabalhada no início do livro, com o “Passarinheiro” – e anuncia o fechamento do livro. O livro é concluído de fato logo nas páginas seguintes, com o poema “Sapatarinheiraria”(p. 50-51), o qual faz alusão direta ao texto de abertura “Passarinheiro” e encerra o **Mindinho maior de todos** produzindo uma relação dialógica intralivro.
- Comparado ao poema de abertura “Passarinheiro”, podemos dizer que “Quem foi que inventou”, traz, além do questionamento sobre a ancestralidade, o sujeito lírico se perguntando também sobre a necessidade humana de fabular, de inventar, de imaginar realidades diferentes da imediata e, além disso, de comunicar suas invenções (“quem foi que inventou essa vontade/ de criar,/ de explicar/ e de querer contar?). Assim, o texto acaba apontando para o reconhecimento de que mesmo a realidade imediata é resultado da criação humana, consciência essa que é essencial para iluminar a capacidade de recriação dessa realidade.
- A ilustração que acompanha o texto faz referência a construções de representações de figuras geométricas planas, inscritas umas dentro das outras. Apesar de a imagem apresentar marcas de utilização de

instrumentos que geralmente sugerem a precisão (como régua, esquadro e compasso), ela traz a tinta colorindo irregularmente as figuras e borrando partes do desenho, o que desconstrói a ideia de “perfeição” e remonta ao saber desconhecido em sua origem, que pode ser considerado um dos temas geradores dos versos.

## **Ampliando a leitura**

- Proponha aos alunos experimentar ler o poema em diferentes andamentos. Depois das leituras, abra espaço para que conversem sobre a mudança de recepção decorrente dos diversos andamentos experimentados, propondo que escolham aquele que pareceu estar em maior consonância com o conteúdo.

## **Para trabalhar na aula de Língua Portuguesa**

- Aproveite o momento para trabalhar o valor dos sinais de pontuação empregados no poema, levando os alunos a perceber que nesse gênero textual tais sinais acabam sendo importantes também para a construção da sonoridade. Ou seja: as interrogações ao final de diferentes grupos de versos não apenas indicam a presença de um questionamento, mas imprimem uma melodia interrogativa, caracterizada por ser ascendente; enquanto os dois pontos anunciam o que virá e trazem consigo uma pausa específica, ligada à função enunciativa; e o ponto final expressa uma pausa que finda o todo.

## Integrando saberes – Matemática e Arte

- Investigue a ilustração que acompanha o poema com os alunos, solicitando que identifiquem e desvendem as representações geométricas planas que aparecem no desenho (o quadrado, os triângulos, o hexágono, os paralelogramos), bem como a circunferência que os “abraça”.
- Se considerar oportuno, peça aos alunos que, usando papel quadriculado e régua, tracem diferentes esboços de representações de figuras geométricas planas (triângulo, quadrado, retângulo, trapézio e paralelogramo), colorindo-as de forma a compor uma ilustração para o poema “Quem foi que inventou”, que faz menção à Geometria, campo da Matemática em que se estudam as formas e relações entre elementos de figuras planas e espaciais. Os alunos já são capazes de reconhecer as características das figuras geométricas planas, mas a construção precisa é ainda um desafio. Oriente-os a tentar aplicar em seus esboços tudo aquilo que já sabem sobre cada figura geométrica que forem representar.

**Temas relacionados:** **Família, amigos e escola**, *na medida em que promove a reflexão sobre a construção de percepções e questionamentos sobre si e sobre o outro pela investigação da origem da vida;* **O mundo natural e social**, *ao tratar das relações do indivíduo com sua existência no mundo imediato, reconhecendo-o como resultado da criação e recriação humana ao longo do tempo.*

## Depois da leitura

- Promova uma roda de leitura, a fim de que os alunos possam conversar sobre a experiência de recepção que tiveram com os poemas do livro e, consequentemente, com a Literatura, com a poesia, com o poema. Deixe que eles se expressem livremente e incentive-os a retomar e reler versos, estrofes ou mesmo um poema em especial que tenha sido marcante na leitura do livro. Peça que tentem explicar ao grupo por que aquele poema foi marcante para eles.
- Após as trocas sobre o livro, faça um convite aos alunos: produzir o próprio poema. Deixe-os livres para escolher o conteúdo (tema) e a forma, podendo selecionar usar ou não rimas e aliterações, dividir ou não o texto em estrofes, etc. Comente que eles podem se inspirar em algum dos poemas ou ilustrações do **Mindinho maior de todos**, bem como fazer uso de recursos poéticos presentes nos poemas do livro para escrever seus textos.
- Acompanhe-os na etapa de produção dos poemas, orientando-os a reler, revisar e reescrever seus textos, passando-os a limpo no caderno ou em uma folha avulsa a versão final.
- Promova um momento de leitura na classe, para que os alunos possam compartilhar suas produções. É possível fazer um sarau de encerramento, assim como foi feito antes da leitura, mas agora com maior

protagonismo dos alunos, que podem escolher um dos poemas do livro para declamar ou mesmo ler o poema que criaram. Após o sarau, converse com os alunos sobre como gostariam que seus poemas circulassem. É possível reunir os textos por eles produzidos em uma coletânea da classe, deixando um exemplar na biblioteca ou cantinho de leitura da escola. Se houver disponibilidade de material, e eles demonstrarem interesse, verifique se é viável imprimir uma cópia da coletânea para cada aluno, a fim de que possam levar o material produzido para casa e compartilhar com familiares e amigos.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. O mito. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 84-91.

ASSIS, Machado de. Livros e flores. In: ASSIS, Machado de. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 121.

BARROS, Manoel de. Os deslimes da palavra; Bernardo é quase árvore. In: BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 41 e p. 97.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC Versão Final**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital PNLD 2018 Literário Brasília**, DF, 2018.

CAEIRO, Alberto. O guardador de rebanhos. In: PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: obra poética em um volume**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976.

CAMPOS, Álvaro. Para saudar-te. In: PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: obra poética em um volume**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976.

CESAR, Ana Cristina. Definição. In: CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 406.

CICERO, Antonio. **A poesia e a crítica: ensaios Antonio Cicero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 52.

CUNHA, Celso. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 108.

GULLAR, Ferreira. O ron-ron do gatinho. In: GULLAR, Ferreira. **Um gato chamado Gatinho**. São Paulo: Salamandra, 2000.

LORCA, Federico García. A captura da morte. In: LORCA, Federico García. **Romanceiro Gitano e outros poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NETO, João Cabral de Melo. Poema(s) da cabra. In: NETO, João Cabral de Melo. **João Cabral de Melo Neto: obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995. p. 254.

PINHEIRO, Helder. A poesia na sala de aula. In: **Linha D'água**. n. 5, 1988, p. 72-76.

POUND, EZRA. **O ABC da Literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. p. 40.